

Só podemos dar a “dica” de que vale a pena (mesmo que seja pela curiosidade dos trabalhos) conhecer esses “dois livros” que merecem um estudo mais minucioso por parte da crítica especializada.

PAULO JORGE HARANAKA

\* \* \*

\*

CHEVRIER, Jacques. *Littérature Nègre. Afrique-Antilles-Madagascar* Paris, Armand Colin, 1974, 288 p.

O interesse pelas diferentes literaturas de expressão francesa começou a manifestar-se junto ao nosso professorado universitário de francês sobretudo a partir do colóquio que a Association des Universités Partiellement ou Entièrement de Langue Française (AUPELF) promoveu na Universidade de São Paulo em junho de 1973. Desde então muito se tem falado do diálogo de culturas e do papel que a língua francesa nele pode representar. Aos poucos temos nos habituado à expressão *francofonia*, neologismo que designa, em seu sentido mais amplo, o conjunto dos países de expressão francesa (inclusive — convém não esquecer — a própria França):

Dos diferentes domínios da francofonia (europeu, canadense, negro-africano, árabe, asiático) o negro-africano parece fadado a suscitar ressonâncias mais profundas entre nós, tantos são os pontos comuns de nossas realidades, inseridas, tanto a africana quanto a brasileira, no contexto do Terceiro Mundo.

Por isso, julgamos oportuno assinalar a existência de obras como esta *Littérature Nègre*, de Jacques Chevrier. Não se trata propriamente de um manual literário, mas sim de um composto de manual e ensaio, que a própria editora Armand Colin inclui ao mesmo tempo sob as rubricas de *Ideias e Literaturas*. Com efeito, o objetivo de Chevrier é duplo: esboçar um panorama de 50 anos de literatura negro-africana e caracterizar o contexto socio-cultural no qual se inscreve esta literatura.

Esta duplicidade de objetivos reflete-se forçosamente na estrutura da obra, concebida em duas grandes partes: I “La Littérature Nègro-Africaine en langue française de 1921 à nos jours” (p. 11-176) e II “Situation et Perspectives” (p. 177-273).

Tal composição não evita certos inconvenientes, sobretudo o da retomada freqüente de idéias e de textos que as ilustram. Um exemplo, entre outros: a bela profissão de fé do poeta Aimé Césaire “Ma bouche sera la bouche des malheurs qui n’ont point de bouche.” aparece pelo menos três vezes (p. 77, 87 e 183). Tem-se a impressão que Jacques Chevrier, sem se preocupar muito com os rigores dos manuais literários, limita-se às vezes a reunir ensaios diversos,

que evocam temas constantes dos estudos africanistas. Registra-se aqui o fato não como crítica, mas apenas para prevenir os leitores mais afeitos ao espírito universitário. Poder-se-ia estranhar também a frequência com que são resumidos trabalhos teóricos de outros especialistas do assunto, em particular os de Lilyan Kesteloot, cuja autoria de certos excertos nem sempre é assinalada (cf. p. 212, a idéia da fusão poesia-ação, retomada convenientemente à p. 222). São pequenos escolhos que não empanam contudo o brilho de um trabalho redigido com clareza, sem pedantices, e que denota no autor um profundo interesse pela cultura e civilização negro-africana de expressão francesa.

A primeira parte do livro compreende quatro capítulos: nascimento de uma literatura: irrupção da grande poesia negra; a era do romance; o teatro negro-africano.

### 1. *Nascimento de uma literatura*

Num rápido apanhado inicial, Jacques Chevrier define as diferentes fases de um exotismo literário que levou a França a interessar-se, desde o século XIV, pelo continente africano. Interesse que se acentua em fins do século XIX e começos deste século, com a obra de colonização. Contudo, imbuído de vários preconceitos, este exotismo revela-se superficial e evidencia duas tendências negativas: desprezo pelos países e povos negros e exaltação da conquista colonial. Nem mesmo a descoberta da arte negra em Paris por cubistas e surrealistas escapou inteiramente aos vezos do exotismo alegre.

No período que separa as duas grandes guerras, assume proporções consideráveis a produção de obras literárias pelos próprios escritores negros. Se a poesia se caracteriza ainda, em parte, pela imitação formal dos franceses e por uma certa pobreza de imaginação, o romance por sua vez começa a tomar consciência da realidade colonial. O romance *Batouala*, de René Maran, coroado pelo prêmio Goncourt de 1921, costuma ser considerado como a “certidão de batismo da literatura negra de expressão francesa” Também nestes primórdios da ficção situa-se o notável *Gouverneurs de la rosée*, do haitiano Jacques Roumain.

Sob a influência da Negro-Renascença americana, difunde-se na Europa dos anos 30 o chamado movimento da *Négritude*, ligado intimamente à *Revue du monde noir*, ao manifesto *Légitime défense* e às figuras do martiniquense Aimé Césaire e do senegalês Léopold Sedar Senghor. Baseando-se nas obras destes dois poetas, Jacques Chevrier nos propõe uma ampla definição da noção de *négritude*: expressão de uma raça oprimida, manifestação de uma maneira de ser autêntica, instrumento de uma luta e utensílio estético. Ou como diz, em resumo, Senghor: “a descoberta dos valores negros e a tomada de consciência, pelo negro, de sua situação” (citado à pág. 39).

## 2. *Irrupção da grande poesia negra*

“Alienado numa falsa cultura que o separa de suas raízes”, o africano — diz Chevrier — “experimenta a vertigem da angústia e volta-se com nostalgia para o seu passado: é o momento da grande poesia negra de expressão francesa” (p. 63). Seguem-se algumas indagações sobre a natureza profunda da poesia africana, suas etapas e os temas mais freqüentes.

Mas o essencial deste capítulo é consagrado ao panorama dos poetas mais representativos e respectivas obras marcantes. Quem se interessar por esta poesia não poderá deixar de ler: *Pigments*, do guianense Léon Damas; *Cahier d'un retour au pays natal* e *Cadastre*, de Aimé Césaire; *Hosties noires* e *Ethiopiennes*, de Senghor; *Les Contes d'Amadou Koumba*, de Birago Diop, também senegalês; *Antsa*, do malgaxe Jacques Rabemananjara. Sem esquecer os poetas mais recentes que, como o mauriciano Edouard Maunick, deixam para trás os queixumes da *négritude* e se interrogam sobre o sentido profundo da existência.

## 3. *A era do romance*

Por volta de 1954, o romance sucede à grande explosão lírica da *négritude*. Talvez porque, como afirma Chevrier, a prosa é funcional e porque era então necessário que romancistas começassem a retratar e analisar a nova sociedade africana em vias de edificação. Uma fecunda produção romanesca registra-se a partir daquela data, orientando-se em cinco direções, assim definidas pelo crítico: romances de contestação, romances históricos, romances de formação, romances de angústia, romances de desencanto. Seria lícito contestar o bem fundado de uma tal classificação, baseada apenas em conteúdos: um romance histórico pode ser contestador; o romance de formação nem sempre é isento de angústia, etc. De qualquer forma, a classificação de Chevrier tem o mérito de ordenar o que é complexo de facilitar a assimilação de informações. Eis, para cada tendência, os elementos que cumpre assinalar:

“*Romances de contestação*” — Concebidos em geral antes das Independências, exprimem a cólera de homens submetidos a uma cultura que rejeitam: Ferdinand Oyono (República dos Camarões), *Le Vieux Nègre et la médaille*; Seydou Badian, cujo único romance — *Sous l'orage* — constitui um requisitório contra a dominação européia no Sudão francês e um testemunho sobre a terrível epidemia de meningite que dizimou os bairros pobres de Bamako; Jacques Stephen Alexis (Haiti), *Compère Général Soleil*.

*Romances históricos* — Citando um texto de Mário de Andrade, extraído de sua introdução ao teatro do guineense Condetto N. Camara, J. Chevrier lembra que é inerente à alma africana a necessidade de “identificação com figuras prestigiosas das épocas passadas” Fato que explica a proliferação de coletâ-

neas de narrativas históricas, cujas mais importantes seriam, no dizer do crítico: *Soundjata ou l'épopée mandingue*, de Djibril Tamsir Niane (República do Mali); *Crépuscule des temps anciens*, de Nazi Boni (Alto Volta); *La Légende de M'Pfoumou Ma Mazano*, de Jean Malonga (Congo)

*Romances de formação* — Retratam a formação intelectual e sentimental de uma geração de africanos marcados por disciplinas e métodos ocidentais: Camara Laye (Alta Guiné), *L'Enfant noir*; Hamidou Kane (Senegal), *L'aventure ambiguë*; Ake Loba, (Costa do Marfim), *Kocoumbo l'étudiant noir*.

*Romances de angústia*: — Propõem uma “visão patética da condição humana” Olympe Bhêly-Quenum (Dahomé), *Un Piège sans fin*; Camara Laye, *Le Regard du roi*.

*Romances de desencanto* — Reflexo das decepções causadas pelo advento de injustiças, corrupção e despotismo em certos estados africanos independentes: Amadou Kourouma, *Les Soleils des indépendances*; Henri Lopes (Congo), *Tribaliques*; Sembene Ousmane (Senegal), *Le Mandat*.

#### 4. O teatro negro-africano

Embora o teatro, profano ou religioso, esteja enraizado nas fontes mais primitivas das diferentes culturas negras, a arte dramática à italiana ou ocidental faz sua aparição no cenário intelectual negro-africano a partir da década de 50. De modo geral, este teatro denuncia o colonialismo, propõe uma análise do conflito de gerações e critica os costumes políticos. Nomes mais representativos: Seydou Badian, Charles Nokan, Bernard Dadié, Guillaume Oyono e, sobretudo, Aimé Césaire, cuja *Tragédie du roi Christophe* obteve grande sucesso.

A segunda parte de *Littérature Nègre* sob o título já assinalado de “Situations et Perspectives”, estende-se com mais pormenores sobre o contexto socio-cultural dos países negro-africanos e coloca um certo número de problemas controvertidos, muito dos quais falam de perto ao próprio intelectual brasileiro: o homem de cultura africano face a suas responsabilidades, passagem da tradição oral à literatura escrita, o escritor e seu público, o futuro da literatura negro-africano: o entusiasmado engajamento na realidade do continente africano; a luta contra uma sempre virtual assimilação pelos padrões ocidentais; o bilingüismo e a necessidade de uma literatura escrita em língua vernácula; o perigo de novas formas de imperialismo cultural e certas reticências ao projeto moderno da francofonia; as inumeráveis dificuldades que encontra a difusão do livro num continente onde 80% da população é constituída de analfabetos.

Terminando, não poderíamos deixar de transcrever este belíssimo trecho de Aimé Césaire, no qual se traduz o grito pungente de tantas civilizações ameaçadas de sufocamento pelo demônio da tecnologia:

“On me parle de progrès, de réalisations, de maladies guéries, de niveaux de vie élevés au dessus d’eux-mêmes.

Moi, je parle de sociétés vidées d’elles-mêmes, de cultures piétinées, d’institutions minées, de terres confisquées, de religions assassinées, de magnificences artistiques anéanties, d’extraordinaires possibilités supprimées.

On me lance à la tête des faits, des statistiques, des kilomètres de routes, de canaux, de chemins de fer.

Moi, je parle de milliers d’hommes sacrifiés au Congo-Océan. Je parle de ceux qui, à l’heure où j’écris, sont en train de creuser à la main le port d’Abidjan. Je parle de millions d’hommes arrachés à leurs dieux, à leur terre, à leurs habitudes, à la sagesse.

Je parle de millions d’hommes à qui on a inculqué savamment la peur, le complexe d’infériorité, le tremblement, l’agenouillement, le désespoir, le larbinisme”

(Citado por J. Chevrier, p. 185-186).

ITALO CARONI

\* \*

\*

Koch, Walter — *Falares Alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1974. 90 p., 8 mapas, 7 ilustrações, Bibliografia p. 30-31.

As preocupações com os estudos dialetológicos remontam às últimas décadas do século passado. São trabalhos de lexicografia, como os de Antonio Pereira Coruja, com a *Coleção de Vocábulos e Frases usados na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*, e Antonio Joaquim Macedo Soares, que pretendia documentar o *dialeto brasileiro* escrevendo *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro*. Revivendo o entusiasmo do período da Independência, o início da República se viu bafejado por um fervor nacionalista que se manifestou também nas obras de Sílvio Romero, cujo objetivo era identificar o *diferencial nacional*, e no “porque-me-ufanismo” de Affonso Celso. Talvez a ideologia latente deste período ainda não se tenha de todo esvaído.

O empenho em evitar a dissociação entre os vários campos da língua imprimiu uma nova orientação aos estudos da língua portuguesa no Brasil com os trabalhos de Amadeu Amaral, Antenor Nascentes, Mário Marroquim e outros. Temos, portanto, nessas obras não apenas um levantamento do léxico, mas uma